

LUCINDA, A MUCAMA: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER ESCRAVIZADA EM VÍTIMAS ALGOZES DE JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

Andréa Marques da Silva

Graduada em Letras pela UEPB

1. O escritor branco e a escravidão no Naturalismo brasileiro: a representação dos negros escravos

No decorrer da nossa história literária vimos o negro passar por inúmeras representações. Antes do romantismo, os escritores brancos mencionavam o negro de forma acanhada.

Na busca por uma literatura nacional esses escritores elegeram o índio como representante nacional do Brasil por ele ser, segundo tais escritores, um elemento original e autêntico do país. Para contrastar com o índio mítico, criado pelos românticos, o negro aparecia em suas obras para representar a realidade da raça colonizada que trabalha para o colonizador, o homem branco. Porém, com o fim do tráfico de escravos, os escritores da época voltam sua atenção para o negro escravo.

Segundo David Brookshaw (1983), o escravo é visto de forma desumanizada e descaracterizada nas descrições do escritor branco. Eram retratados com um misto de desgosto e piedade, vistos como objetos e estando submetidos a castigos brutais por parte dos seus senhores. Somado a isso, o escravo negro era tido como uma coisa repulsiva devido a uma suposta feiúra, a sua cor e à falta de higiene, esta última se explicava pela condição subumana em que viviam.

A presença do negro na literatura brasileira é por muito tempo marcada por estereótipos quase sempre negativos. Em raras exceções, o escravo será representado como fiel e com boas qualidades. Para a sociedade escravocrata da época, ver o escravo superar o homem branco no que quer que ele fosse era algo sócio e moralmente subversivo, inaceitável.

Para que o escravo fosse descrito com qualidades e de forma positiva fazia-se necessário que o escritor ocultasse sua cor ou dissesse que ele era branco. Isto porque, para a sociedade da época, ser negro era sinônimo de feiúra, portanto seria impossível

imaginar que pureza, moral e beleza fossem atributos de uma pessoa de cor negra.

A exemplo disso, temos o romance de Bernardo Guimarães *A Escrava Isaura* (1875), onde a heroína é uma jovem escravizada que tem a pele branca, como a pele de uma europeia.

Analisando o contexto histórico social da época em que foi publicado o romance, de fato não encontraríamos leitores que pudessem ou quisessem apreciar uma obra cuja heroína fosse uma jovem de pele negra, pois a grande maioria dos leitores de romances da época era constituída por mulheres brancas. O escritor tinha, por obrigação, que agradar o seu público leitor, caso contrário não venderia suas obras.

Ainda na obra citada de Bernardo Guimarães, encontramos uma escravizada mulata que contrasta em tudo com Isaura, a escravizada branca. Enquanto Isaura é descrita com traços europeizados, finos e virtuosos, Rosa é representada por atributos puramente sensuais.

O escritor branco não podia dotar o negro, sobretudo o escravo de boas qualidades. A elite da sociedade da época, composta por senhores de escravos, não aceitaria com bons olhos esse tipo de descrição de uma pessoa negra. Brookshaw em seu texto “O Escritor Branco” (1983) diz que

em virtude das boas intenções do autor que era abolicionista, ele não poderia dotar uma pessoa escura de qualidades superiores, pois isto poderia pôr em dúvida toda estrutura social e étnica do Brasil (p. 31).

Assim, surge a literatura abolicionista¹ no Brasil. No entanto, esta aborda a escravidão como algo ruim para os donos de escravos, pois ela os colocava em contato com a corrupção e a degeneração moral. O grande discurso proclamado pelos escritores brancos em suas obras era baseado na salvação da família brasileira diante da degeneração moral e da peste. Desta forma, a escravidão só traria males às famílias dos escravocratas. Para os escritores abolicionistas, as famílias só estariam salvas da imoralidade se fosse abolida a escravidão, pois no meio dela não pode haver virtude nem honra.

² Ao tratar de literatura abolicionista, referimo-nos à 3ª fase do Romantismo, a fase condoreira.

Para enfatizar este discurso, o escritor branco tentava incutir medo nos donos de escravos, fazendo uso de estereótipos para caracterizar negativamente o negro. Em suas obras eles eram chamados de imorais e demoníacos. Esses estereótipos, no entanto, eram baseados no próprio preconceito que a elite branca nutria pelos negros naquela época. Apesar de só surgir oficialmente como estilo e escola literária anos mais tarde, já se notava traços característicos desta escola na literatura abolicionista.

O naturalismo contribuiu para essas representações negativas do negro. A estética naturalista se baseava na observação da realidade, mostrando que o ser humano é determinado pelo ambiente e pela hereditariedade. O escritor passa a observar e analisar os indivíduos sob um novo âmbito, o biológico.

O Naturalismo trouxe uma revitalização para a literatura abolicionista, embora não um esclarecimento no que concerne ao ponto de vista em relação ao negro. Ao contrário o naturalismo floresceu do preconceito dos abolicionistas (BROOKSHAW, 1983, p. 42).

A prosa naturalista submete personagens e enredos e às leis naturais. Esse tipo de prosa desnuda as mazelas da vida pública e privada buscando causas naturais ou culturais para justificar atitudes e ações de personagens. Ela apóia-se em teorias científicas e ideológicas como o evolucionismo de Darwin, o socialismo e o determinismo. O romance naturalista, portanto, vai dar preferência aos aspectos mais sórdidos da vida. Através desta estética, o pobre, o negro, o excluído e os discriminados são postos em cena.

O escritor naturalista analisa o comportamento humano e social, desta forma as classes subalternas passam a ter voz. No romance naturalista predomina o instinto e o natural, o homem é retratado como um animal, dominado por seus instintos e desejos, retratando violência, corrupção, erotismo, entre outros elementos que compõe a personalidade humana.

Uma das principais características do naturalismo é o determinismo. Este paradigma nas Ciências Sociais surge no século XVIII e ganha força a partir da segunda metade do século XIX. Trata-se de uma teoria filosófica a qual afirma que tudo o que

acontece pode ser explicado pela determinação e pela casualidade. Essa corrente filosófica defende que o ambiente é decisivo para o caráter do indivíduo. O homem é produto do meio em que vive e da hereditariedade.

Brookshaw revela um importante dado que nos leva a identificar mais um motivo para que o negro fosse visto negativamente pelos intelectuais do Brasil do século XIX:

Como a maioria dos intelectuais no Brasil do século XIX que se ligava a ideais tais como progresso econômico e tecnológico, Macedo supunha que tudo que havia de pior no homem negro poderia ser atribuído à África, enquanto que as qualidades positivas eram resultantes de seu contato com a civilização branca (1983, p. 43).

Para a elite da época, a cultura africana era um forte empecilho para o desenvolvimento do país que almejava ser branco. A elite da época acreditava que o negro era um elemento inferior ao branco. Desta forma, a “política do embranquecimento” coadunava-se com a necessidade da elite de se formar uma nação “homogênea”. Para alcançar essa homogeneidade, muitos intelectuais defendiam a abolição e, conseqüentemente, a devolução dos negros à África, substituindo os escravos por trabalhadores brancos que imigrariam de países europeus.

Segundo David Brookshaw (1983), por trás da instituição “literatura abolicionista” havia interesses econômicos que levaram os escritores a produzirem obras onde o negro assumiu estereótipos negativos com intuito de incutir medo na sociedade branca da época, sobretudo nas mulheres, esposas, filhas e irmãs dos senhores de escravos. O maior interesse dos escritores abolicionistas estava centrado no desenvolvimento econômico social do Brasil.

No capítulo que se segue, trataremos das duas personagens Carolina e Lucinda, sob o viés da análise da representação da mulher branca e da mulher negra. Dessa forma, notaremos as diferentes facetas do mesmo Joaquim Manoel de Macedo.

1.1 Lucinda: a mucama

Na segunda metade do século XIX, o Brasil ainda era uma das poucas nações que resistia à abolição da escravidão. No entanto, pressionado por países como a Inglaterra, a jovem nação preparava-se para esse acontecimento histórico. Surgem os movimentos abolicionistas e os escritores dessa mesma causa que se utilizavam de suas obras para propagar esta ideia e convencer os seus leitores de que a escravidão só traria atrasos para a nação.

Desta forma, Macedo escreve o romance *Vítimas Algozes: quadros da escravidão* (1869) que é composto por três narrativas, a saber: *Simão, o Crioulo*; *Pai Raiol, O Feiticeiro* e *Lucinda, a mucama*. As três narrativas são verídicas, segundo o prefácio da 1ª edição de 1869² do romance citado, pois aconteciam sob as vistas dos donos de escravos. Ao escrever as narrativas, o autor deixa clara a sua intenção no prefácio de sua obra, conforme vemos em:

Queremos agora contar-vos em alguns romances histórias verdadeiras que todos vós já sabeis, sendo certo que em as já saberdes é que pode consistir o único merecimento que por ventura tenha este trabalho; [...] Trabalhar no sentido de tornar bem manifesta e clara a torpeza da escravidão, sua influência malvada, suas deformidades morais e congênicas, seus instintos ruins, seu horror, seus perigos, sua ação infernal, é também contribuir para condená-la e para fazer mais suave e simpática a idéia da emancipação que a aniquila (MACEDO, 2010b, p. 16).

Como vimos na citação acima, já no prefácio, Macedo deixa clara a sua intenção ao produzir esta obra. Era de interesse dele e da nação convencer seus eleitores, donos de escravos, de que a escravidão só traria mazelas para a nação. Para atingir o seu objetivo, Macedo faz uso de recursos estilísticos como a ironia propicia ao leitor uma leitura mais atenta e assim refletir sobre os perigos e danos que a escravidão traria, não aos escravos, mas sim para os proprietários deles.

² Esta é a data da primeira edição de *Vítimas Algozes*, de Macedo. No entanto, utilizamo-nos da edição de 2010.

Macedo passa a analisar os efeitos da escravidão no seio da família carioca e responsabiliza a escravidão pelos crimes e maldades cometidos pelos escravos que são, ao mesmo tempo, vítimas e algozes de seus senhores.

Na narrativa *Lucinda, a mucama*, o narrador inicialmente descreve a escravizada utilizando adjetivos que a qualificam positivamente como habilidosa, inteligente, esforçada e bem instruída. Assim, todos esses adjetivos a qualificam como um ser que produz algo. Porém, no decorrer da narrativa o narrador muda seu discurso em relação à jovem mucama descrevendo-a como traiçoeira, imoral, mentirosa, fingida e interesseira. Essa contradição poderia levar um leitor mais desatento a uma possível confusão, ou mesmo uma visão preconceituosa. Na verdade, essas caracterizações feitas pelo narrador traçam um perfil físico, psicológico, social e moral da personagem em análise.

Nascida no berço da escravidão, a jovem Lucinda, desde seus primeiros anos, teve que aprender a se virar sozinha. Criada como um objeto, sua única alternativa era se aprimorar na arte de ser mucama. Como todos os escravos, Lucinda foi criada sem cuidados ou normas da moralidade europeia e, por isso, é considerada imoral, pois ainda juvenzinha, aprendeu com as escravizadas mais velhas qual era o papel das mulheres casadas e as sensações que uma escravizada poderia desfrutar sexualmente.

Assim, Lucinda chega à casa de seus senhores para desempenhar o papel de mucama da filha destes. Ao descrever a filha dos donos de Lucinda, o narrador exalta sua ingenuidade, sua cor e sua pureza. Enquanto que, comparada à filha dos senhores, Lucinda é descrita apenas como uma jovem sensual e lascívia que desempenha bem determinados serviços domésticos, conforme se lê nos excertos a seguir:

- 1- Lucinda era aos doze anos de idade uma crioula quase mulher, tendo tomado as formas que se modificam ao chegar a puberdade: um pouco magra, de estatura regular, ligeira de movimentos, afetada sem excesso condenável no andar, muito viva e alegre, gárrula e com pretensões a bom gosto no vestir, com aparência de compostura decente nos modos, diligente e satisfeita no trabalho, perspicaz, paciente, e mostrando-se desde o primeiro dia amante de sua senhora, e ufanosa no seu mister de mucama, costurando perfeitamente

bem toa e qualquer roupa de senhora (MACEDO, 2010b, p. 161)

- 2- A escrava entregue aos desprezos da escravidão, crescendo no meio da prática dos vícios mais escandalosos e repugnantes, desde a infância, desde a primeira infância testemunhando torpezas de luxuria , e ouvindo eloquência lodosa da palavra sem freio, fica pervertida muito antes de ter consciência de sua perversão e não pode mais viver sem violenta imposição fora da atmosfera empestada de semelhantes costumes, e das suas idéias sensuais; [...] Aos treze anos de idade a mucama de Cândida só respirava lascívia em desejos, ações e palavras de fogo infernal: sua natureza era sob esse ponto de vista impetuosa, ardente e infrene (op. cit., p. 171-2).

Na longa citação acima, através do discurso do narrador, constatamos qual a visão que a sociedade da época tem em relação à mulher escravizada. Inicialmente Lucinda é descrita como alguém competente e que desempenha bem sua função de mucama. No entanto, logo em seguida, o narrador põe de lado suas habilidades “profissionais” para centrar-se no discurso de que mesmo desempenhando bem determinadas funções, ela não é alguém confiável para desempenhar o papel de mucama, pois ao nascer no berço da escravidão, a jovem escravizada foi privada de educação moral. Por isso, é representada como um ser amoral, desconhecadora de qualquer regra de moralidade imposta pela sociedade da época.

Socialmente, a mucama está à margem da sociedade, condenada a sua condição de escrava. Portanto, nada de bom poderia vir dela. Por ser escravizada, Lucinda tem todos os seus direitos negados tanto como mulher quanto como pessoa. Sem poder algum sobre seu próprio corpo, Lucinda é representada como alguém que apenas deve realizar algumas funções. A mulher escrava era apenas um objeto de desejo sexual de seus senhores. A eles deviam obediência e lealdade não podendo se casar, nem possuir qualquer vínculo familiar.

Para convencer seus leitores que de fato a escravidão tinha que acabar, o narrador tenta incutir medo, principalmente nas mulheres, através de seu discurso que na escravidão só existe desonra e imoralidade. Para ele, a escrava agia de maneira cruel porque a sociedade através da escravidão a induzia a agir desta maneira. Lucinda é representada sob o ponto de vista da sociedade patriarcal e escravagista da época. O narrador associa a escravidão a algo ruim não para os escravos, mas sim para os senhores, desta forma o narrador tenta amedrontar o leitor mostrando o risco que suas filhas, esposas e famílias corriam estando tão próximas dos males produzidos pela escravidão.

Para Macedo (ou o narrador), o escravo era inimigo dos seus senhores, pois tinham a capacidade de enganar, persuadir, roubar, etc. Percebemos que Macedo queria na verdade, convencer o leitor de que havia uma urgente necessidade de libertação dos escravos, por isso em seu discurso moralista o nosso autor atribui ao escravo os males que afetavam a moral da família branca.

Lucinda é, na verdade, o produto de uma sociedade escravocrata que marginaliza duplamente a mulher escrava. Muitas vezes taxada de imoral na narrativa por não seguir uma norma de conduta e moralidade imposta pela sociedade livre da época e que seguia os parâmetros da cultura europeia.

É neste discurso produzido pelo narrador que encontramos traços da estética naturalista, que afirma ser o indivíduo produto do meio em que vive, diferente do romance *A Moreninha*, cujo objetivo do autor, segundo Volubuef (1999), era atingir às mulheres da alta sociedade com seu discurso moralizador e instrutor cujos temas centrais era a independência da mulher branca e o casamento.

Já em *Lucinda, a mucama*, o Dr. Macedinho deseja atingir os senhores de escravos convencendo-os, através do medo, de que os escravos eram pessoas perigosas e corruptas, pois eram escravos e na escravidão não havia lugar para dignidade, honra ou moral, pois em si ela já constituía corrupta, vergonhosa e imoral.

Sendo assim, identificamos o determinismo inserido na obra *Vítimas Algozes* que afirma que o indivíduo é determinado pelo ambiente em que vive. “Para os naturalistas, o ambiente governa o caráter” (BROOKSHAW, 1983, p.45)

Outra característica do naturalismo que encontramos nesta obra diz respeito à linguagem utilizada pelo autor a fim de dar ênfase ao discurso antiescravista do

narrador. Ao denunciar os males produzidos pela escravidão, o narrador utiliza-se de um campo léxico que chocou a sociedade da época por não fazer parte do cotidiano de seus leitores. Lucinda é representada de forma animalizada pelo narrador como: “filha de uma mãe fera”; “serpente da perdição”; “demônio” etc.

Apesar dessa representação negativa, Lucinda demonstra ser uma mulher forte por ter sobrevivido a muitos anos de exploração e escravidão. Além de ser muito esperta, pois aproveita as oportunidades que encontra para lutar por aquilo que tanto almeja que é a sua liberdade. É um claro sinal de resistência à escravidão. A própria mucama afirma saber que é vítima da sociedade que a escraviza. Como forma de resistência, a escravizada dissimula suas emoções, sentimentos e pensamentos diante de seus senhores. Através dessa dissimulação, Lucinda fazia-se submissa e obediente aos olhos de seus senhores, ao mesmo tempo em que, sorrateiramente, ela cometia pequenos deslizes com intuito de obter sua liberdade.

1.2 Lucinda: a percepção do narrador na representação da mulher escravizada

Esta novela escrita em 1869 quase duas décadas antes da abolição da escravatura foi, sem dúvida, um marco na literatura brasileira, ainda que não tenha alcançado grande sucesso quando foi lançada. *Lucinda, a mucama* é a terceira novela do romance *As Vítimas Algozes: quadros da escravidão*, as primeiras já mencionadas no capítulo anterior são *Simeão, o crioulo* e *Pai-Raiol, o feiticeiro*.

A personagem central dessa novela é apresentada pelo narrador como uma jovem escravizada que desde sua infância foi obrigada a saber se defender sozinha. Criada sem afeto de pai nem mãe ainda em tenra idade Lucinda é enviada a uma escola de mucamas, assim ela aprende a bordar, a cozer, a fazer penteados e tudo mais que uma mucama deveria aprender. Dessa forma, ao representá-la, o narrador limita-se a descrever suas habilidades domésticas e a caracteriza como alguém capaz de desempenhar tais serviços.

Como um sujeito que produz um determinado trabalho, Lucinda é vista de maneira positiva, diferente de Carolina, personagem do romance *A Moreninha* que não é valorizada por um serviço que produz, mas sim por ser uma jovem de boa família.

Eis aí uma característica bastante divergente entre as duas personagens: a primeira havia sido “criada” sem cuidados e zelos de pais ou parentes, exposta a todas

as mazelas que a escravidão pode oferecer; a segunda, criada com todo zelo e mimo vê-se protegida das corrupções e males do mundo que a cerca.

Ainda no início da trama o narrador da novela *Lucinda, a mucama*, através de seu discurso, revela o pensamento negativo da sociedade em relação à mulher escravizada quando diz:

E em substituição da companheira livre, amiga, e devotada, recebeu alegre a crioula quase de sua idade, a mulher escrava, uma filha da mãe fera, uma vítima a opressão social, uma onda envenenada desse oceano de vícios obrigados, de perversão lógica, de imoralidade congênita, de influência corruptora e falaz, desse monstro desumanizador de criaturas humanas, que se chama escravidão (MACEDO, 2010b, p. 157).

A mulher escravizada, denominada filha de uma mãe fera, assim é representada Lucinda, de forma animalizada, pois essa personagem é denominada filha de uma mãe fera. O termo utilizado pelo narrador revela que para a sociedade da época nenhum escravo poderia estar isento da corrupção e da imoralidade presentes na escravidão. Portanto, os escravos eram considerados feras, seres irracionais, animais selvagens, os quais ninguém pode dominar ou domesticar.

Ao mencionar a primeira ama da personagem Cândida, o narrador evidencia suas qualidades morais associando-as a sua condição social. Por ser uma mulher livre, a primeira ama da jovem Cândida recebe do narrador da novela atributos morais positivos: “Cândida tinha perdido a companhia da mulher que era nobre, porque era livre...” (MACEDO, 2010b, p. 157). Lucinda, no entanto, é chamada de imoral e leviana pelo autor pelo simples fato de haver nascido no berço da escravidão.

1 - A escrava abandonada aos desrezos da escravidão, crescendo no meio da prática dos vícios mais escandalosos e repugnantes, desde a primeira infância testemunhando torpezas de luxúria, e ouvindo eloqüência lodosa da palavra sem freio, fica pervertida muito antes de ter consciência de sua perversão, e

não pode mais viver sem violenta imposição fora da atmosfera empestada de semelhantes costumes, e das suas idéias sensuais (MACEDO, 2010b, p.171).

2 – e Lucinda, a mulher escrava e pervertida, sem educação zeladora dos costumes, e cuja natureza, ainda mesmo que excelente pudesse ter sido, se achava desde muito depravada pela ignomínia e pelas torpezas da escravidão (op. cit., p. 233).

Ao mesmo tempo em que a descreve como imoral, o narrador atenta para o fato da jovem mucama não ter culpa de ter nascido num ambiente corrupto como o da escravidão. Exposta desde criança a todas as cenas ditadas como imorais pela sociedade da época, podemos, neste caso, considerar que Lucinda é sim uma jovem amoral e não imoral, afinal ela havia sido criada em um ambiente isento de instruções morais ditados pela sociedade da época.

A jovem escravizada é, portanto, uma pessoa que desconhece as regras da moralidade da matriz europeia, pois tudo que conheceu e aprendeu em sua infância cativa era contrário à conduta moral da sociedade livre.

Se no romance *A Moreninha* o final culmina na preparação do casamento dos protagonistas, na novela *Lucinda, a mucama* não se espera que tal acontecimento ocorra, pois já no início da estória a escravizada declara: “[...] com as escravas não precisa haver cuidados; nós não temos de casar-nos” (MACEDO, 2010b, p.167).

Essa declaração, dada pela própria personagem, revela uma situação muito comum entre os escravos. Por ser tratada como objeto, a protagonista não tinha o direito de constituir uma família, ter filhos para si, quando na verdade, elas não tinham direitos sobre elas mesmas.

No livro “Mulher e escrava uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil” (1988), de Sonia Maria Giacomini, a escritora afirma que o senhor de escravos é quem decidia se os seus escravos poderiam ter uma vida familiar ou não, era dele a decisão de que a escrava poderia ficar com seus filhos ou não, na verdade não havia interesse desses senhores em permitir que seus escravos constituíssem família, pois não era algo lucrativo.

A negação dos escravos enquanto seres humanos implicou necessariamente na negação de sua subjetividade, que foi violada, negada, ignorada, principalmente nas relações entre eles: mãe escrava-filhos, pai escravo-filhos e homem-mulher escravos (p. 35).

Lucinda representa a classe dos escravos que não tem direito a nada, que não tem domínio sobre si mesmo e que é tratada apenas como coisa. Ela é a moeda de compra e troca de seus senhores, enquanto lhe traz lucros e não lhe cria problemas maiores, a escravizada é mantida no seio da família, como peça importante para a realização das tarefas domésticas e muitas vezes para satisfazer os desejos sexuais de seus senhores.

Apesar de a escravizada ser tratada como coisa, o narrador revela que “a mucama escrava, que é sempre escolhida entre as mais inteligentes, compara-se a senhora” (MACEDO, 2010b, p. 171). Esta afirmação nos prova que Lucinda é uma mulher bastante inteligente com modos refinados de maneira que chega a comparar-se a sua senhora. Na seguinte citação, tal fato é corroborado:

um pouco magra, de estatura regular, ligeira de movimentos, afetada sem excesso condenável no andar, muito viva e alegre, gárrula, e com pretensões a bom gosto no vestir, com aparência de compostura decente nos modos, diligente e satisfeita no trabalho, perspicaz, paciente, [...] exprimindo-se com facilidade e sem notáveis erros na linguagem trivial (MACEDO, 2010b, p. 162).

Como lemos na citação acima, Lucinda é uma jovem inteligente. No entanto sua condição de escrava não permite que a mesma seja vista de maneira diferente a não ser como escrava-objeto.

Segundo o pesquisador Sharyse Amaral (2011)³ no artigo “Emancipacionismo e as representações do escravo na obra literária de Joaquim Manoel de Macedo”, a inteligência atribuída ao escravo abriu caminhos e possibilidades para se trabalhar o medo nos senhores de escravos. O narrador é enfático em seu discurso de que o escravo era perigoso e que, como vítima, poderia tornar-se algoz de seus senhores por causa da mazela da escravidão.

Em *Lucinda, a mucama*, a protagonista vai se utilizar de sua inteligência para alcançar seu maior desejo: sua liberdade. Para isso, Lucinda faz uso dos meios que tem para resistir à escravidão e obter sua liberdade. Em um dos diálogos entre personagens da trama, a escravizada declara que é vítima da escravidão e que merece ser liberta: “- E, portanto... eu sou vítima” (MACEDO, 2010b, p. 231).

Como forma de resistência à escravidão, Lucinda faz uso da dissimulação. Através da dissimulação a escravizada fazia-se submissa e boa aos olhos dos seus senhores e, ao mesmo tempo, cometia pequenos delitos com intuito de obter sua liberdade. E para obter a liberdade a protagonista põe sua ama em situações constrangedoras que a levariam à vergonha social e familiar. Lucinda dissimula, mente e convence sua ama a expor-se ao perigo de uma difamação para, assim, fugir com ela e ganhar a sua liberdade.

A negra perguntou rindo-se e requebrando-se: - E se casar com minha senhora... como há de ser? – Eu te libertarei no dia do meu casamento, juro-o por todos os santos do céu, juro-o pela minha honra, que serás liberta... – E adeus amores! Disse Lucinda. – Oh não! Cândida será minha esposa; tu, porém, linda crioula, serás sempre a minha amante, e minha só (MACEDO, 2010b, p. 232).

Na citação acima, percebemos que Lucinda faz uso de seus dotes físicos e de sua sensualidade para conseguir o que quer. Ciente de sua beleza e de sua sensualidade a

³ Artigo disponível em: <<http://www.afroasia.ufba.br/edicao.php?codEd=88>>. Acesso em 20/out./2011.

escravizada não recua ao ver diante de si a oportunidade de conquistar sua liberdade ainda que para isso tivesse que dissimular seus sentimentos e usar seu corpo.

Nessa passagem ainda percebemos que o narrador utiliza-se do termo “requebrando-se” de maneira pejorativa, de maneira a desqualificar e desmoralizar a escravizada perante o leitor que pode julgá-la imoral e perversa. No entanto, Lucinda faz apenas uso dos métodos que tem para conquistar sua liberdade, isso era tudo o que a sociedade, por meio da escravidão, havia-lhe ensinado.

Lucinda é representada como um ser animalizado, como coisa. À margem da sociedade, a jovem escravizada não tem o direito de se casar nem constituir família. Sem ter direito a si mesma, a protagonista deseja um dia ser livre. Como mulher, Lucinda é vista apenas como objeto sexual e utiliza-se de sua inteligência e sensualidade para obter a sonhada liberdade. Lucinda luta com todas as suas forças para ser livre, não se importando de que maneira ou a que custo lhe causará a liberdade.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Sharyse. Emancipacionismo e as Representações do Escravo na Obra Literária de Joaquim Manoel de Macedo. In: **Revista Afro-Ásia CEAO – UFBA**. n°. 35. 2007. Disponível em: <<http://www.afroasia.ufba.br/edicao.php?codEd=88>>. Acesso em 20/out./2011.

BROOKSHAW, David. O Escritor Branco in: Raça e cor na Literatura Brasileira. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983, PP. 21 – 146.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: Momentos decisivos 1750 – 1880**. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre Azul, 2007.

CASTANHEIRA, Cláudia. In: **Revista Eletrônica - Cadernos da FaEL**, Volume 3, n°. 8, Mai./Ago. de 2010. Universidade de Iguacu / Faculdade de Educação e Letras. ISSN: 1984-0640. Disponível em: <<http://www.unig.br/cadernosdafaef/>>. Acesso em: 13/jan./2011.

CHARTIER, Roger. **O Mundo como Representação**. *Estud. av.* [online]. 1991, vol.5, n.11, pp. 173-191. ISSN 0103-4014. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>>. Acessado em 12/dez./2010.

GIACOMINI, Sonia Maria. **Mulher e Escrava**: uma introdução história ao estudo da mulher negra no Brasil. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1988.

MACEDO, Joaquim Manoel de. **As Vítimas Algozes**: quadros da escravidão. Parte III: Lucinda, a mucama. São Paulo: Editora Martin Claret, 2010.

MAFFESOLI, Michel. O Mundo das Aparências. In___: **O Instante Eterno**: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. São Paulo: Zouk, 2003.

SERRA, Tânia Rebelo Costa. **Joaquim Manoel de Macedo ou os Dois Macedos**: a luneta mágica do II Reinado. Rio Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Dep. Nacional do Livro, 1994.

VOLOBUEF, Karin. Romantismo Brasileiro In___: **Frestas e Arestas**. a prosa de ficção do Romantismo na Alemanha e no Brasil. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.